

## Morte?

Agora é tarde para entrar no comboio. Se a cinefilia está morta, como Susan Sontag algures sugeriu, quem se importa com a morte de dois cineastas no mesmo dia? Apesar disso, ninguém pode passar ao lado da coincidência, a imagem de um significado que não está lá. Michelangelo Antonioni (nascido em 1912) e Ingmar Bergman (nascido em 1918) morreram ambos a 30 de Julho- como se o tempo, indiferente a qualquer plano ou significado, tivesse alguma coisa a dizer sobre o cinema.

Mas o tempo parece querer dizer uma coisa e diz outra. Isto é a morte de um tempo, aparentemente, ou como se o tempo representado pelos dois realizadores não tivesse acabado já há algum tempo. O mundo da angústia ao retardador que associamos aos seus filmes é já apenas uma memória. Pânico e fanatismo são a moda, ou a moda que nós pensamos com que temos de lidar. Mas as novas coincidências lembram-nos as velhas, e fazem-nos pensar sobre o significado destes ecos. "Durante 15 anos havia obras-primas todos os meses," foi como Sontag descreveu esses dias, acrescentando "Quão longe parece esse tempo agora." Os anos em que ela pensava eram os do final da década de 50 até à de 70, mas para aquilo de que falo uma pequena lista serve. Alguns filmes e datas: "O Sétimo Selo"(1957), "Morangos Silvestres"(1957), "Touch of Evil"(1958), "Vertigo"(1958), "Les 400 Coups"(1959), "Hiroshima mon amour" (1959),

"North by Northwest"(1959), "Some Like It Hot"(1959), "L'Avventura"(1960), "À Bout de Souffle"(1960), "La Dolce Vita"(1960), "Psycho"(1960), "Rocco e Seus Irmãos"(1960), "Os Mil Olhos do Dr. Mabuse"(1960), "La Notte"(1961), "L'Année Dernière à Marienbad"(1961), "viridiana"(1961), "El Angel Exterminador"(1962), "Vivre Sa Vie"(1962), "Il Gattopardo"(1963), "8 ?" (1963). Não é uma obra-prima por mês, mas há de certeza muitos belíssimos filmes que estou a esquecer. No entanto, esta lista é suficiente para ver que há muita vida na idade que pensamos que acabou.

Felizmente que temos DVDs para colocar as nossas memórias no seu lugar. Gostei sempre muito de "O Sétimo Selo". O filme conta o regresso de um cruzado e do seu escudeiro à Suécia. Adoro o jogo de xadrez, a dança dos mortos... a queima da bruxa e o diálogo que a precede, e a aceitação final da Morte no castelo como uma visita mal-vinda, mas que, apesar de tudo, -noblesse oblige- tem de ser bem recebida. Há ainda um momento notável quando o cavaleiro percebe que a Morte não tem segredos. A Morte é apenas a Morte; não sabe nada sobre Deus ou o Diabo ou o que vem depois, está apenas a fazer o seu trabalho.

"Morangos Silvestres", por outro lado, é um filme pelo qual sinto admiração, mas não amor. Isak Borg (Victor Sjöström), um médico distinto com 76 anos, viaja para Lund para receber um prémio e recorda a sua vida. O filme mistura sonhos, memórias e presente, mantendo-se moralmente ambíguo, uma espécie de acusação de egoísmo, pois desde a sua juventude parece ter sido tão afastado da vida dos outros tal como ele cuidadosamente pôs os outros de lado. As sequências do sonho visam mais a surpresa e o suspense do que demonstrar uma leitura pré-determinada. No sonho Isak aparece sempre como o velho que é, não conseguindo examinar os doentes pois não se lembra do primeiro dever de um médico. O filme termina com um sonho em que Isak encontra os seus pais, vestidos de branco, sentados junto a um lago. Não consegue juntar-se-lhes pois eles estão mortos, porque ele agora está mais velho do que eles, porque tudo está apenas na sua cabeça. Mas o filme termina com um plano da sua face sorridente: "os meus gritos não chegaram a eles", diz, "mas não tive pena".

"L'Avventura" numa nova visão continua a ser para mim aquilo que sempre foi: uma obra-prima extraordinária. Termina com uma sensação de um pequeno conforto e uma grande desolação, quase como se fosse uma imagem invertida do que acontece em "Morangos Silvestres". Claudia e Sandro (Mónica Vitti e Gabrielle Ferzetti), falharam literalmente a busca da mulher que procuravam. Encontram-se e perdem-se emocionalmente. Estão perdidos numa cidade deserta: praça, velho palácio, igreja, ruína, vulcão ao longe. Virtualmente tudo o que ouvimos na banda sonora, além dos ruídos do vento e do mar, são os murmúrios das personagens, primeiro ela, depois ele. Aqui, como em Bergman, não há angústia pronta a servir, não há angústia que não seja dada pela personalidade das personagens e por centelhas de esperança. Há apenas pessoas que encontraram o seu caminho num deserto moral, como se não houvesse mais nenhum lugar para onde ir.